

O RAP E O FUNK EM CIDADE TIRADENTES / SP MÚSICAS EM DOIS TEMPOS¹

ART AND THE STREET: RAP AND FUNK IN CIDADE TIRADENTES / SP

Rose Satiko Gitirana Hikiji
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo
rose.satiko@gmail.com

Resumo

A comunicação aborda as relações e diferenças entre dois fazeres musicais presentes na periferia de São Paulo, em especial no distrito de Cidade Tiradentes, maior complexo habitacional popular da América Latina, com mais de 300 mil habitantes. A partir de uma perspectiva etnográfica, a pesquisa aproxima-se do rap, tal qual praticado e pensado hoje por MCs que viveram os momentos de grande influência do estilo no bairro nos anos 1990, e do funk, em especial da vertente “Ostentação” desta música que “ganhou linguagem” entre os moradores da periferia e além.

Palavras-chave: funk; rap; periferia de São Paulo

¹ Esta comunicação apresenta resultados de pesquisas realizadas com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no âmbito dos projetos “Images and sound making: a comparative and collaborative approach to visual anthropology”, processo no. 2013/50222-0, “A Experiência do filme na antropologia, processo no. 2009/52880-9 e “Antropologia da Performance: Drama, Estética e Ritual”, processo no. 2006/53006-2. Agradeço a Marcos Câmara de Castro pelo convite para participação no VI Encontro de Musicologia de Ribeirão Preto, aos participantes pelo generoso debate das questões aqui apresentadas, à Sylvia Caiuby Novaes pelas sugestões à versão final deste texto e pela parceria, que inclui Alexandrine Boudreault-Fournier - a quem também agradeço - na pesquisa sobre o Funk em Cidade Tiradentes.

Abstract

This lecture addresses the relationship and differences between the present musical practices in the suburbs of Sao Paulo, particularly in Cidade Tiradentes district, most popular housing complex in Latin America, with over 300 thousand inhabitants. From an ethnographic perspective, the research approaches the rap, like practiced in the neighborhood in the 1990s, and the funk style, especially its modality "Ostentation" whose music "won popularity" among residents of the periphery and beyond.

Keywords: funk; rap; suburbs of São Paulo

Apresento aqui reflexões a partir de pesquisas realizadas entre 2009 e hoje em Cidade Tiradentes, maior complexo habitacional popular da América Latina, com mais de 300 mil habitantes, situado no extremo Leste da cidade de São Paulo. Dentre os resultados de minhas pesquisas nesta localidade, destaco um mapeamento virtual (www.cidadetiradentes.org.br), dois filmes etnográficos (*A arte e a rua e Lá do Leste*), um livro (*Lá do Leste - uma etnografia audiovisual compartilhada*) e alguns artigos. Nesta apresentação, esboço algumas questões com relação a algumas das práticas musicais locais, em especial o rap e o funk.

O tema mais geral da pesquisa é a relação entre arte (práticas artísticas) e o espaço urbano: como os artistas moradores da periferia paulistana pensam e criam a partir da relação que estabelecem com seu território. O funk e o rap aparecem como duas das formas artísticas praticadas no cotidiano de Cidade Tiradentes, com muitas diferenças e conflitos.

Mapa das artes de Cidade Tiradentes

Em 2009, durante cerca de um ano participei do processo de

construção do Mapa das artes de Cidade Tiradentes, uma iniciativa do Instituto Pólis, ONG de SP. Fui convidada a trabalhar com a consultoria antropológica para construir a metodologia do mapeamento.

Além da equipe do Pólis, participaram do mapeamento quatro artistas moradores de Cidade Tiradentes que colaboraram como pesquisadores locais, em uma metodologia participativa². Com estes pesquisadores-moradores mapeamos cerca de 200 pontos, com artistas atuantes nas linguagens da música, teatro, literatura, artes visuais e dança. Dentre as linguagens mapeadas, a música é a contemplada com a maior diversidade de gêneros e estilos.

O rap, uma das manifestações musicais de grande força em Cidade Tiradentes nos anos 1990 e início dos 2000, ainda é bastante presente, mas disputa espaço com o funk, que começava, em 2009, ano em que realizamos a pesquisa para o mapeamento, a estourar na voz de MCs muito jovens que lançavam uma ou duas músicas no Youtube e viravam uma referência na região.

Outro fenômeno musical emergente no mapeamento que realizamos foi o gênero gospel, que abrigava diferentes estilos, do rap ao samba. Eventos como as Noite Black, da Igreja do Evangelho Quadrangular, atraíam centenas de pessoas para a igreja, com apresentações de bandas de diversos estilos.

Muitos dos grupos mapeados faziam agora música gospel, inclusive rap, incentivados pelas igrejas evangélicas, um fenômeno em expansão nas periferias brasileiras. “Toda rua de Cidade Tiradentes tem um boteco, um salão de beleza e uma igreja”³, resume Daniel Hylario, um de nossos pesquisadores-moradores, ativista cultural do bairro e

² Discutimos esse processo em HIKIJI, R.S.G. & CAFFÉ, C. Hikiji, Rose Satiko Gitirana, Caffé, C. “A arte e a rua: uma experiência colaborativa audiovisual com artistas de Cidade Tiradentes”. Revista de Cultura e Extensão, v.7, p.41 - 51, 2012.

³ Em 2009, toda rua tinha também uma Lan House, fenômeno que perde espaço com a popularização da internet nas residências.

protagonista e produtor local do filme *A arte e a rua*.

No mapeamento, nossos pesquisadores, todos com mais de 25 anos, influenciaram alguns recortes: são da geração que cresceu com o Hip Hop, um deles é um MC de rap, e todos olhavam com suspeição para o crescimento do funk, sobretudo os que são pais de família e estavam preocupados com o envolvimento de suas filhas com essa música que canta o sexo, as drogas e o crime de uma maneira que eles consideram “libertina” e amoral. Faltaria ao funk o comprometimento e a atitude, qualidades fundamentais do Hip Hop, para os envolvidos com este movimento.

O resultado do mapeamento foi a criação do site <http://cidade-tiradentes.org.br>, um mapa virtual que apresenta as informações da comunidade por meio de vídeos, fotos, músicas e textos, utilizando-se da tecnologia Match-ups, que cruza plataformas virtuais como Google Maps, Youtube, Flickr. Organizado sobre um mapa físico e geográfico da cidade, nele é possível localizar pessoas, grupos, espaços e eventos relacionados às linguagens artísticas.

No mapeamento, os artistas também puderam falar de suas referências e ações. Questões como a racial (ser negro em Cidade Tiradentes), a urbana, a econômica (como o tema da sustentabilidade da prática artística), a produtiva (a criação da rede de artistas, propostas colaborativas, o Centro Cultural da Juventude e seu estúdio), a relação com o poder público (o apoio, os palcos) são abordadas por diversos grupos, e algumas delas são tematizadas em vídeos que foram dispostos em “tags” no site.

O rap, tal como praticado por grupos como o RDM e o TLDR, aparece como *peça de resistência*. Nas falas dos rappers, ouvimos os discursos da luta pela comunidade, a narrativa da história do distrito, muito marcado pela violência, sobretudo na época da “guerra”, em que gangues disputavam o “poder paralelo” e muitos irmãos morreram. Ouvimos também relatos das transformações operadas pelo próprio

crime, com a chegada do PCC e a “pacificação” do distrito. E ouvimos o incômodo com a chegada recente de mais uma onda de funk, que ganha adeptos entre os mais jovens, resultando na “perda de espaço” do rap.

Enquanto produzíamos o Mapa das Artes de Cidade Tiradentes, percebemos a riqueza do contexto que adentrávamos, e delimitamos, Carolina Caffé e eu, um projeto de filme etnográfico a partir daquela pesquisa. Inscrevemos este projeto no Etnodoc - Edital de Apoio a Documentários Etnográficos sobre Patrimônio Imaterial (IPHAN), e fomos selecionadas.

A arte e a rua

O projeto intitulado “A arte e a rua” previa a abordagem das transformações da arte de rua em Cidade Tiradentes. Selecionamos quatro dos 200 grupos mapeados como “personagens” de nosso filme, que tinha como questão mais geral o diálogo entre os artistas e os processos de transformação do território, com a urbanização e a chegada de equipamentos públicos.

Os filmes acompanham a experiência de quatro grupos ligados ao Hip Hop, que cresceram junto com Cidade Tiradentes, e em suas obras dialogam com seus desafios e sonhos: grupo de grafite 5 Zonas; grupo de rap RDM - Rapaziada Do Morro; grupo de dança Tiradentes Street Dancers e grupo de rap gospel Relato Final. No média metragem *A arte e a rua* incorporamos as reflexões de Daniel Hylario sobre as transformações no bairro e a arte em Cidade Tiradentes.

O RDM é o representante do rap em nosso filme. Bob Jay, que era um dos pesquisadores do Mapa das Artes, é o MC do RDM. Conheceu os demais integrantes do grupo no final dos anos 1990, quando suas famílias levantavam fileiras de bloco na construção das casas em sistema de mutirão no setor Barro Branco de Cidade Tiradentes. Os

shows, então, eram organizados pelas famílias e amigos do grupo, a “banca” RDM. Reuniam 70, 80 amigos para ir a um show. A “banca” ou “posse” implica compromisso social e cultural.

Os shows de rap chegavam a juntar milhares de pessoas nas ruas, no auge do movimento em Cidade Tiradentes. Mas esse cenário mudou muito nos últimos anos. O rap ‘perde linguagem’ na avaliação dos próprios rappers. Os jovens envelheceram e precisam sustentar suas famílias, “trazer o pão de cada dia”.

De acordo com os rappers que hoje tem cerca de 30 anos, a juventude de agora não quer mais saber do discurso sério, engajado do rap. Quer festa, quer dançar. O Funk ganha espaço⁴.

Além disso, o poder público identifica o gênero que “atrai multidões” e incentiva, investindo no funk. Nos últimos anos da década de 2010, a subprefeitura de Cidade Tiradentes, e o então subprefeito Renato Barreiros, lança o Funk Permitted. Trata-se de um jogo de linguagem com o tradicional funk “proibidão”, e uma clara tentativa de domesticação do estilo.

Em 2010, registramos a terceira edição do Festival de Funk promovido pela subprefeitura de Cidade Tiradentes, uma iniciativa do poder público de apoiar o funk e incentivar os funkeiros a compor letras voltadas para os temas sociais, em contraposição aos “proibidões”, assim chamados em função das letras que fazem apologia ao crime, drogas e promiscuidade sexual.

Os rappers também associam o crescimento do Funk à promoção do estilo por parte do “crime”. “O poder paralelo que tá investindo

⁴ Alexandre Barbosa Pereira, em “Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação”, In Revista de Estudos Culturais, n. 1, jun/2014, chama a atenção para o espaço que o funk concede à dança, no qual as mulheres tem um papel fundamental. No hip hop, a dança, o break, ainda que não exclusivamente, é predominantemente maculino, e “seria marcada por componentes agonísticos mais associados a padrões hegemônicos de masculinidade e/ou virilidade” (p.13).

nesse bagulho”, nas palavras do Bob Jay, MC do RDM.

Mas outro fator, identificado pelos rappers, como determinante para a “perda de linguagem” do seu estilo musical é a transformação urbana. Em um debate após o lançamento do filme *A Arte e a rua*, Bob Jay faz a seguinte avaliação: “Nós perdemos nossas raízes, nossas origens, na verdade, né? O Hip Hop veio da rua e não está mais na rua. O grafite veio da rua e também não está mais na rua”⁵

O rapper Douglas, da Família RDM, colocou-se após a fala de Bob Jay. Morador de Tiradentes desde 1990, o rapper concorda que as mudanças no distrito têm relação com as transformações na arte de rua:

Antigamente, o bairro era rua de barro, nós esperávamos meia noite pra sair água de um cano, e aquela fila enorme de gente com balde. Ai o rap retratava aquilo. Todo mundo gostava de ouvir porque era um protesto, todo mundo se unia pra protestar contra aquilo. Por uma rua asfaltada... Conforme nós fomos conseguindo isso, as pessoas foram se dividindo.

Paniquinho, que acompanhava o debate na plateia, pediu a palavra para narrar seu conhecimento com relação ao Hip Hop, uma vez que se reconhece como participante de uma das primeiras gerações do movimento. Em 1994, participou da primeira posse de Hip Hop de Tiradentes, a Aliança Negra. Seu relato dialoga com questões apontadas pelo filme e trazidas para o debate pelos participantes:

A Cidade Tiradentes era mesmo um projeto arquitetônico de cidade dormitório. Foi colocada aqui, não tinha políticas públicas mesmo, não tinha nada, e uma das nossas necessidades enquanto jovens era, na apropriação do espaço, se manifestar culturalmente. [...]

⁵ Debate reproduzido nos extras do DVD *A Arte e a rua*. Os trechos a seguir estão reproduzidos também em Hikiji & Caffé. *Lá do Leste - Uma etnografia audiovisual compartilhada*. São Paulo, Humanitas, 2013.

Então foi através do Hip Hop que a gente começou a se apropriar e desenvolver algumas ações, que poderiam se chamar de ações sociais, porque na época não existia ONG, não existiam ações. Tinham algumas lideranças do bairro, alguns militantes do movimento negro, algumas pessoas que vieram pra cá e que já eram lideranças populares de onde vieram, e que começaram ... E nós, enquanto jovens, desenvolvendo esse diálogo a partir da cultura.

Houve um momento em que o Hip Hop, se manifestando nesse bairro, era um público maior do que aquele do funk que aparece no vídeo! Porque era uma das únicas manifestações que tinha.

[...] Teve um momento em que a gente se organizava pra fazer um evento que era pra arrecadar alimento e agasalho pras famílias que eram mais necessitadas no bairro. Se não há mais essa necessidade, qual que é a nossa próxima reivindicação?

[...] O que a gente quer enquanto artista? Vou fazer essa provocação... Pro grafite é muro pra pintar? É material? Pro MC, é um microfone, é palco? "Ah... eu não tenho mais motivação pra escrever sobre tal coisa que não existe mais porque não tem mais chão de terra, então não vou mais escrever?" O que move a minha motivação pra que eu possa continuar sendo considerado um artista que interfere na mudança da realidade? Ou não? Ou é dinheiro? Será que é dinheiro? Será que é... Pode ser dinheiro, e pode mudar? Porque a impressão que dá também é que quando se fala que o Hip Hop não tá no mesmo patamar que um funk, ou que não sei o que, é como se o Hip Hop não conseguiu atingir alguns objetivos...

Eu consegui atingir alguns dos meus objetivos com o Hip Hop, sendo mediador disso. Hoje eu sou formado numa universidade, hoje eu tenho minha família, hoje eu tenho alguns bens materiais, e eu entendo que o Hip Hop foi o mediador disso, então se eu acreditar que o Hip Hop não contribuiu com isso, vou achar que o Hip Hop foi sempre um fracasso na minha vida e vai ser sempre um fracasso,

e não é!

Os shows de rap que acompanhamos durante a pesquisa eram realizados com pouco apoio da subprefeitura (no máximo um som), o palco na rua não tinha um tablado, 5 a 10 grupos se revezavam para um público de 30 a 50 pessoas. Nenhum dos rappers que conhecemos viviam de música, nem os evangélicos.

Mesmo assim, conseguiam reunir mais de dez membros da família para um show ou um churrasco, continuavam compondo novas músicas, batalhando locais para apresentação. O discurso de Paniquinho revela a *resistência* como um mote deste movimento.

Fabrik Funk

Em 2010, ano de filmagens do *A arte e a rua*, o funk aparecia para os protagonistas do filme como o oponente do rap. Atraía multidões em carretas-palco promovidas pela prefeitura. Surgia como oportunidade de sucesso para jovens com pouco contato prévio com a música.

Em 2014, decidimos produzir um filme que teria como foco o funk ostentação. Este gênero ganha projeção nacional, com “País do Futebol”, na voz do MC Guimê, como música tema da telenovela *Geração Brasil*, da Rede Globo.

Em Cidade Tiradentes, conhecemos alguns dos protagonistas desta cena funk. Com eles, aprendemos mais sobre o estilo que “toca na quebrada e nas baladas de *playboy*”. Soubemos que esta música compartilha com o futebol o lugar de projeção de ascensão social do jovem da periferia: “todo menino sonha ser um MC”. Cidade Tiradentes teria virado uma “fábrica de funk”, nas palavras de seus produtores.

Fabrik Funk é o título da etnificção que estamos desenvol-

vendo em uma parceria entre duas antropólogas da Universidade de São Paulo e uma da University of Victoria, no Canadá⁶. Daniel Hylario, protagonista de *A arte e a rua*, é nesta nova produção co-roteirista, produtor local e ator.

Nossos primeiros interlocutores foram os proprietários da Funk TV, JC e Montanha, dois realizadores que eu havia conhecido há 10 anos como ex-alunos de oficinas de vídeo da Kinoforum, quando realizei a pesquisa para o filme *Cinema de Quebrada* (2008), que hoje atuam no mercado do audiovisual associado ao fenômeno do Funk.

JC e Montanha tem uma interessante trajetória: começaram como realizadores de vídeos independentes, atuaram no mercado das produtoras de imagens de festas e casamentos, e conseguiram se estruturar com a produção de clipes de Funk Ostentação.

Com a Funk TV, gravam alguns dos videoclipes que alcançaram milhões de exibições no YouTube. As visualizações são uma das principais fontes de renda hoje da produtora. O YouTube remunera as visualizações, principalmente quando atingem as cifras de milhares e milhões. A produção dos clipes de Funk para artistas locais também é uma fonte de renda.

A Funk TV está montada em um imóvel alugado na principal avenida comercial de Cidade Tiradentes. Em um dos cômodos, que ainda passa por reformas, foi montado um estúdio equipado com equipamentos sofisticados, como câmeras profissionais, mini grua, iluminação, gravadores de som de última geração. No outro cômodo, uma mesa comporta os computadores que são usados como ilhas de edição. Outros dois cômodos são usados como recepção e mesas de apoio para os estagiários da Funk TV. A simplicidade do imóvel contrasta com a sofisticação dos equipamentos da produtora e com a qualidade técnica dos vídeos que produz.

⁶ Sylvia Caiuby Novaes e eu do Departamento de Antropologia da USP e Alexandrine Boudréault-Fournier, da UVic. Projeto que conta com o apoio da FAPESP e da UVic.

Além dos produtores de vídeo, atuam como interlocutores e atores no filme Daniel Hylario e uma jovem cantora e compositora de Funk, a MC Negaly.

Daniel tem um jeito próprio de pensar as práticas musicais em diferentes décadas. Em sua leitura, nos anos 1970, o Funk (norte-americano) chega na linguagem da Disco. Tocava em festas feitas em casa, em que a família estava envolvida. Nos anos 1980, ganham força os bailes Black, como o Chic Show. Nos anos 1990, o show é o lugar da fruição musical. E nos dias de hoje, o Funk ganha a rua: há os grandes palcos na rua, os rolezinhos⁷ nos shoppings em que o funk é cantado em alto volume por centenas de jovens, os fluxos – encontros sem agendamento prévio, que reúnem milhares de pessoas em torno de carros de som potentes, fechando as ruas da periferia.

Daniel identifica nos clipes de Funk quatro elementos: 1) a mulher: em geral, branca, estilo “panicats” - em referência às modelos do programa televisivo Pânico na Band; 2) o ouro: as correntes, tais como as usadas pelo rapper norte-americano 50 cent, são figurino obrigatório; 3) os carros: modelos importados, que custam até 200 mil reais, devem ser dirigidos pelos MCs; 4) a dança: muitos vídeos que fizeram sucesso resultam de “passinhos” que são criados pelos MCs.

Em junho de 2014, quando realizamos as filmagens de *Fabrik Funk*, o estilo Ostentação já não aparecia como a grande referência. Dividia espaço com o estilo “putaria”, que em suas letras faz referências explícitas ao sexo.

Pudemos observar a organização do mercado funk. Os MCs

⁷ Mais reflexões sobre o fenômeno do rolezinho em Pereira, Alexandre. “Rolezinho no shopping: aproximação etnográfica e política”, Revista pensata, v.3, n. 2, 2014 disponível em <http://www2.unifesp.br/revistas/pensata/wp-content/uploads/2011/03/d-Alexandre.pdf.pdf> e em Pinho, Osmundo. “Black Bodies, Wrong Places”: Spatial and Morality Politics of Rolezinho Racialized Youth “Invasions” and Police, Repression in the Public Spaces of Today’s Brazil. Talk in Interdisciplinaire Humanities Centre, 2014, disponível em <http://www.ihc.ucsb.edu/black-bodies-wrong-places>.

que obtêm algum sucesso chegam a fazer seis shows por noite. Mesmo com apenas uma ou duas músicas gravadas, tocam por cerca de 20 minutos os principais hits de outros MCs. Ganham de 1 a 5 mil reais por show em média. Para as casas de show, é vantajoso, uma vez que não precisam contratar uma banda, mas apenas o MC e o DJ, que recebe bem menos que o primeiro, em média 500 reais. Os shows acontecem de quinta a domingo, na periferia e no centro.

A principal forma de divulgação da música é o YouTube e os portais de Funk. Um MC pode alcançar o estrelato da noite para o dia. Ao lançar uma música (seja o videoclipe ou somente a gravação sonora) no YouTube, tem início o processo de divulgação. Há relatos de músicas que “caíram no YouTube” em um dia e no mesmo dia já estavam tocando nos carros que passam com as caixas de som no máximo volume. O número de visualizações é o indicativo do sucesso da música. As casas de shows contratam os MCs com base no sucesso virtual. Até a Rádio Transamérica (que tem um programa semanal de Funk) costuma tocar as músicas que estouram no Youtube.

São portanto artistas sem disco gravado, autores de uma ou duas músicas, que viram uma referência nacional e internacional (alguns tocam em países do Mercosul, em outros estados brasileiros, e os de maior sucesso gravam seus videoclipes até nos Estados Unidos).

Outra característica interessante é o uso dos estúdios caseiros. Graças às novas tecnologias, todas as canções são gravadas em pequenos estúdios domésticos, inclusive os “hits” milionários de DJs como MC Guimê (cujo clipe “País do Futebol” tem mais de 40 milhões de visualizações⁸, lembrando que a música chegou a ser cotada como música de abertura da Copa, e que este MC recebe um cachê de 400 mil por mês).

○ consumo surge como grande questão. Cantado nos funks,

⁸ 46.145.165 visualizações disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=bWnS2dID-gQA> (acessado em 20.1.15).

praticado em todas as camadas etárias, “meio de inserção” dos pobres no mundo, nas palavras de Daniel, que é também um crítico desse “buraco branco”:

Igualdade pra quê, mano? Que tipo de igualdade nós queremos? Igualdade material? Ah, então todo mundo vai ter casa com piscina? Alguns tipos de igualdade que as pessoas querem ter é inviável: todo mundo ter o seu automóvel? Acho que o caminho que nós estamos criando é o caminho do buraco branco. O buraco negro é aquele que pega tudo e coloca pra dentro de si. São pessoas que guardam muita mágoa. O buraco branco é o contrário, é acreditar que tudo é prosperidade... as roupas são prosperidade, a modernidade é prosperidade, tudo é prosperidade e que tudo é rápido, que é passageiro e... pô, a gente tem acesso à internet e tem outra pessoa que não tem nem vídeo cassete. Pô mano, até um homem de neandhertal conseguia ter uma caverna e eu, um homem do século XXI, não consigo ter uma caverna...⁹

O consumo pode ser pensado no cenário de crescimento do poder aquisitivo das classes populares. Segundo dados do Instituto Data Popular de 2013¹⁰, a classe “C”, famílias cuja renda mensal per capita varia de R\$ 320 a R\$ 1.120, e que são constituídas principalmente por profissionais ligados a serviços de beleza, caixas de supermercados e lojas, representantes comerciais e vendedores e atendentes, gastou mais de R\$ 1,17 trilhão em 2013, movimentando 58% do crédito no Brasil.

Tal cenário, observado por analistas, coincide com o que Daniel Hylario observa no seu bairro: há um crescimento da renda, uma diminuição do desemprego, o acesso a postos de trabalho diversos que garantem uma renda maior a família. Em uma família com 5 inte-

⁹ Depoimento para o filme *A Arte e a rua*, reproduzido em Caffé & Hikiji, 2013: 38.

¹⁰ Em Alvarenga, Darlan. “Classe média brasileira é o 18º maior ‘país’ do mundo em consumo”, reportagem disponível em <http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/02/classe-media-brasileira-e-o-18-maior-pais-do-mundo-em-consumo.html> (acessado em 21.1.15).

grantes, em que todos tenham algum tipo de trabalho, tem-se uma entrada financeira que permite que cada integrante estabeleça metas de consumo individual, diferentemente do que ocorria nos anos 1970, 1980, em que a renda obtida por cada membro era destinada para a família, para o sustento, para a construção da casa.

Neste cenário, surgem os objetos de desejo. Alguns são itens de luxo, sonhados por todos, mas acessíveis apenas a poucos MCs que atingiram o estrelato: como automóveis Audi, Veloster, Captiva, Hyundai e motos Hornet e Hayabusa, mais caras que carros de luxo. Outros itens desejados são caros mas acessíveis, mesmo que a custa de dois meses de trabalho (como o “Mizuno mil”, tipo de tênis que está no pé e na mira de todo adolescente – os *playboys* e os *manos* compartilham o mesmo tipo de calçado!).

Alexandre Barbosa Pereira, em um artigo sobre o Funk Ostentação, chama a atenção para a importância da imaginação atrelada às novas tecnologias da comunicação para compreender esse estilo. Imaginar-se não implica apenas estar em outro lugar ou país, mas “imaginar-se em outra classe social, em outro contexto sociocultural, em outra realidade material, em outro mundo do consumo” (2014:8).

“Na cena funk – nos videoclipes, nas músicas, no circuito das casas noturnas e dos produtores – percebe-se, ao mesmo tempo, uma dimensão mais atrelada ao consumo e ao hedonismo e outra ligada a um projeto de vida, de ascensão social e mesmo de reversão de estigmas ou de afirmação de orgulho por pertencer a certa condição periférica ou marginal. A relação com a origem social pobre, por exemplo, é constantemente destacada pelos jovens. Mc Boy do Charmes, além de gravar o clipe da música Nós de Nave no bairro onde mora, apresenta-se para uma entrevista para um documentário sobre o funk ostentação, em uma ponte de madeira sobre um córrego, tendo ao fundo o seu carro do modelo Captiva cantado em uma de suas músicas” (Pereira, 2014: 8/9)

Cabe ainda chamar a atenção ao que Daniel Hylario percebe como uma dupla relação entre pobres e ricos no Funk. Ao mesmo tempo em que os pobres vislumbram se apropriar dos bens dos ricos, por meio do consumo de itens de luxo e de alto custo (calçados, vestuário, carros), os ricos, ao consumirem o Funk, parecem se apropriar de um “vocabulário dos pobres”.

Diferentemente do rap, que *separa*, canta o gueto, reafirma uma identidade marginal, o funk *incorpora*, cria uma identificação dos moradores das periferia com a classe dominante, canta a possibilidade de ser igual pelo consumo, ou ainda melhor, quando se pode ter (ou desejar) ainda mais.